

FINITUDE E TRANSCENDÊNCIA EM “A TERCEIRA MARGEM DO RIO”

ANDRÉIA DUTRA ALBERT
MESTRE EM ESTUDOS LITERÁRIOS - UFES

Mirar el río hecho de tiempo y agua
Y recordar que el tiempo es otro río,
Saber que nos perdemos como el río
Y que los rostros pasan como el agua.¹

“A terceira margem do rio” é, como nos fala Goulart, uma das narrativas mais apreciadas de Guimarães Rosa². Podemos dizer que se trata de uma narrativa simples enquanto contingência de enredo, porém bastante complexa e profunda do ponto de vista semântico.³

São inúmeras as interpretações realizadas sobre “A terceira margem do rio”. Encontramos, não raro, análises desenvolvidas à luz da Psicanálise, da Sociologia e da Antropologia; diferentes áreas do saber cujo objetivo é a compreensão do homem em sociedade. Para nosso estudo, apoiamo-nos também nesta última, optando por ler o conto à luz das contribuições literária e antropológica.

Não pretendemos analisar “A terceira margem do rio” com vistas a uma interpretação “ideal” ou “mais coerente” a partir do ponto de vista da obra. Diferentemente, objetivamos recuperar a dialética autor-obra-leitor, buscando uma releitura do conto na qual prevalece a idéia de que os signos literários são uma organização de significantes que, ao invés de servirem para designar um objeto, designam instruções para a produção de um significado, conforme demonstra-nos Umberto Eco.⁴ Assim, almejamos estudar o conto de modo a evidenciar como Guimarães Rosa teceu a narrativa criando “muitas figuras alternativas em seu tapete, sem decidir qual foi a melhor”⁵.

Para tanto, dividimos este estudo em dois momentos. Primeiramente, apresentamos o enredo; analisamos as categorias narrador, personagem, espaço e tempo. Posteriormente, examinamos o conto relacionando-o com a metáfora do

pensamento religioso, visto serem recorrentes os elementos que nos permitem apontar tal relação.

“A terceira margem do rio” narra a história de uma família que se desestrutura em razão da “ausência-presença” do pai. Este, caracterizado como homem quieto e cumpridor das normas, resolve deixar o núcleo familiar para se auto-exilar em um rio. Para isso, encomenda uma canoa especial, pequena e resistente para durar de 20 a 30 anos.

A decisão do pai foi respeitada, embora jamais compreendida pelos familiares, sobretudo por um de seus filhos, responsável pela narrativa. Esse testemunha a saída do pai e passa toda a existência observando o seu genitor navegar pelo rio sem se afastar totalmente e nem se aproximar de fato.

A família não poupa esforços para convencê-lo a retornar ao lar; pede ajuda a diferentes representantes institucionais, como militares, religiosos, jornalistas, entre outros, porém sem êxito. Angustiadados, os parentes se dispersam, restando somente o filho em sua obstinada busca do pai. Entre idas e vindas, passa a vida deixando alimentos em lugares estratégicos para a sobrevivência de seu genitor, bem como refletindo sobre a razão de seu drama existencial.

Quando mais velho, sensibiliza-se com a debilidade física do pai e pede-lhe que retorne a terra, propondo-lhe substituí-lo na canoa. No entanto, foge ao compromisso e não mais o encontra. Por fim, expressa que ao morrer o colocou também em uma pequena canoa, dentro de um rio.

A narração é realizada em 1ª pessoa. Trata-se de um eu interno, subjacente à narrativa, que vive os acontecimentos descritos como personagem, observando os fatos desde dentro. Seu ângulo de visão é limitado, não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros, apenas pode inferir, lançar hipóteses servindo-se de informações, de coisas que ouviu ou vivenciou.

As personagens são complexas. Através do comportamento do pai e da reação dos familiares, podemos observar a predominância do mistério psicológico dos seres e do mistério metafísico da própria existência sendo realçados na narrativa.⁶

Também verificamos uma dificuldade em descobrir a coerência e a unidade dos seres refletidas sob a forma de incomunicabilidade nas relações. Podemos exemplificar com o isolamento lingüístico do pai. Este recusa-se a qualquer tipo de comunicação, quer seja gestual ou articulada.

Essa falta de comunicabilidade do pai cria na trama um enigma. Seu silêncio não apenas obscurece o motivo da decisão da personagem, como também vela a razão de ele não se afastar de fato do local em que vive a sua família. Como nos esclarece Lino Machado, “Não indo “para outras paragens, longe”, o pai do narrador se transforma num enigma vivo, tanto para seus parentes, quanto para nós, leitores, em cujo racionalismo não se encontra explicação satisfatória para um modo de vida que, de acordo com os parâmetros aceitos de normalidade mental, beira a insanidade.”⁷

Em seu exotismo, o genitor representa uma personagem que não se esgota nos traços característicos, mas tem certos pontos profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério.⁸ O caráter enigmático dessa personagem é construído não a partir de sua fala, mas sim de seu silêncio: discurso secreto, que possibilita diferentes alternativas de interpretação.

Tais personagens não são identificadas através de nomes próprios. O que as singulariza são as funções por essas desempenhadas. Podemos citar, como exemplo, a presença de **militares**, **religiosos** e **jornalistas** - representantes dos aparelhos ideológicos do Estado. Também podemos mencionar o **tio** e o **mestre** - representantes do patriarcalismo.

Pensamos que a ausência de nomes próprios às personagens é uma estratégia utilizada por Rosa que merece ser destacada. Poderíamos atribuir o mesmo significado ao conto se as personagens fossem identificadas por nomes próprios? Quem nos fala sobre a importância dos nomes na ficção roseana é Ana Maria Machado⁹. Essa estudiosa examina vários contos de Rosa e verifica que em suas narrativas os nomes têm relevância significativa não só para a compreensão textual como para o seu desenlace. Porém, ressalta que não se pode procurar nos nomes próprios todo discurso latente.

Como todo verdadeiro texto, a novela não pode ser resumida. Seu significado está disperso e expresso por todos os significantes. É impossível falar do sentido da estória - o que existe é o texto. A insistência sobre o nome próprio não pretende privilegiá-lo como chave única da narrativa, mas incorporá-lo também à necessária pluralidade de leitura, na certeza de que é impossível pretender fixar um sentido único que encerre em um esquema estático e rígido toda a densa flutuação semântica de um texto como o de Guimarães Rosa.¹⁰

Seguindo essa perspectiva, identificamos que em “A terceira margem do rio” a ausência de nomes próprios nas personagens aponta para uma idéia de universalidade e transcendência semelhantemente construída nas narrativas mitológicas que estruturam o pensamento religioso. Temos o pai, representando a divindade, aquele que ocupa uma espacialidade inatingível; o filho simbolizando a incompletude humana, aquele que busca uma explicação para o mistério existencial. Este indaga-se a todo momento sobre a razão de ter sido deixado em terra firme, sem poder atingir o espaço ocupado por seu genitor, e ou, impossibilitado de trazê-lo de volta.

Ademais, devemos mencionar que não é só o filho que busca a presença do pai e a explicação para o distanciamento deste. Toda a sociedade empenha-se em trazer o pai de volta ao grupo, ou pelo menos compreender o motivo que o levou a afastar-se. Acreditamos que essa mobilização coletiva em busca de um único objetivo é bastante análoga às narrativas religiosas, nas quais há uma busca de explicação para a condição existencial humana, bem como para a existência divina.

Consideramos adequado focalizar o espaço e o tempo conjuntamente, visto ocorrer uma espacialização do tempo. O rio é o *locus* onde o tempo se manifesta, onde é simbolizado. A canoa é o objeto através do qual se pode sentir a materialização, a duração do tempo. Como o próprio narrador afirma, “a canoa deve ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos”¹¹.

Além dessa passagem há outras em que o narrador refere-se ao tempo associando-o ao espaço:

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais.¹²

A temporalidade também é mencionada sob a forma de tempo cíclico, as ações se repetem ritualisticamente:

De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos.¹³

Por fim, encontramos percepções do tempo mediante a indicação física da natureza humana, como por exemplo a citação dos primeiros cabelos brancos verificados no narrador. Esses exemplos apontam para a sucessão de tempo decorrido.

Através da contribuição teórica de Hans Meyerhoff encontramos uma referência ao simbolismo do rio como conotação literária para expressar a teoria do *fluxo contínuo* ou *duração*. Para este autor experimentamos o tempo como fluxo contínuo. “A experiência do tempo é caracterizada não apenas por momentos sucessivos e múltiplas mudanças, mas também por algo que permanece dentro da sucessão e mudança”¹⁴.

Desse modo, podemos inferir que “A terceira margem do rio” sintetiza metaforicamente esta categoria temporal de *fluxo contínuo* ou *duração*. Uma metáfora catalisadora de dimensões e categorias humanas. Assim, a **margem** é representada na narrativa como o limite da atuação humana das personagens. O **rio** pode ser entendido como o espaço de transcendência, ou seja, o espaço que não se atinge empiricamente, porém, sempre se busca e se deseja; sentido que se vivencia através do imaginário. A **canoa** pode ser compreendida como objeto que mediatiza a busca da transcendência.

A partir dos elementos enfocados nas categorias mencionadas, verificamos a possibilidade de relacionar “A terceira margem do rio” com a metáfora do pensamento religioso. Mais precisamente, às práticas das religiões cristãs e africanas no Brasil. Assim, identificamos aspectos do conto que apontam para um sincretismo religioso.

No primeiro parágrafo, a narrativa apresenta o pai como a ordem, como aquele que cumpre positivamente os deveres, o patriarca e guardião da família. Uma menção que aponta para a idéia de superioridade da figura paterna, como também podemos verificar na linguagem religiosa.

NOSSO PAI era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação.¹⁵

Prosseguindo a análise da citação, encontramos mais um elemento comparativo com o mito religioso. As qualidades do pai são referenciadas por menção de terceiros; semelhantemente às narrativas mitológicas que são passadas de geração a geração.

O contato do filho com a presença do pai é bastante fugaz. Em seu relato, o filho demonstra ter pouca familiaridade com o genitor, bem como reviver lembranças pouco fixadas sobre o relacionamento de ambos.

Após a saída do pai, quando este passa a navegar dentro de uma pequena canoa, ninguém consegue ultrapassar as margens do rio, nem mesmo os representantes do poder temporal. Esse fato é bastante representativo, pois apesar de o genitor encontrar-se em uma posição de possível alcance, ninguém é capaz de chegar até ele. O pai encontra-se em uma situação de ausência-presença. Todos sabem sua localização; chamam-no, tentam atraí-lo, porém ninguém consegue chegar até ele.

Tal fato aponta-nos, uma vez mais, para o pensamento religioso. Assim como na linguagem mitológica, o pai é localizado, na narrativa, em uma espacialidade na qual as demais personagens não conseguem alcançá-lo, apenas evocá-lo.

São vários os exemplos apresentados no conto, nos quais podemos constatar atitudes semelhantes aos ritos religiosos praticados na tentativa de atrair a divindade, ou garantir a proteção desta. Trata-se de ritos de evocação ou chamamento. Podemos citar como exemplo as oferendas alimentares deixadas, propositalmente pelo filho, em lugares estratégicos; depositadas em ocos de pedra do barranco, “a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho”, como nos relata o narrador:

Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava.¹⁶

De acordo com a citação acima, podemos observar que, tal como nos ritos religiosos, as personagens servem-se de alimentos e fogo para evocar o retorno do pai. Essa prática é semelhante às comumente realizadas pelos devotos quando desejam evocar a proteção da divindade ou a manifestação desta.

A esse tipo de atividade ritualística, Émile Durkheim denomina *cultos positivos*, estão ligados a festas e associam comunhão através da ingestão de alimentos sagrados

e oblações (gestos de oferendas). Os cultos positivos são caracterizados por esse estudioso como cultos periódicos, pois o ritmo que expressa a vida religiosa expressa o ritmo da vida social, conforme ensina-nos Martine Segalen.¹⁷

Outro relato que nos chama a atenção na narrativa é o fato de ninguém conseguir fotografar o pai. Jornalistas utilizam lanchas e empreendem esforços para tirar uma foto do genitor. No entanto, este não se deixa fotografar, penetrando por espaços de difícil acesso, desconhecidos ou inatingíveis pelos demais.

Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar um retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmas, a escuridão daquele.¹⁸

São recorrentes os relatos nos quais há menção da dificuldade de visualização do pai. Muitas vezes esse é visto de maneira duvidosa ou vagamente, como se fosse sombra, imagem ou vulto. Há um fragmento no final da narrativa, momento em que o filho pede ao pai que retorne a terra em troca do deslocamento do filho para a canoa. Nessa passagem, o filho tenta comunicar-se com seu genitor, acenando com gestos e gritos. Depois relata: *“Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa”*¹⁹.

Em outro fragmento, mais ao final, o filho relata ter novamente avistado o pai. Vejamos como esse fato é narrado: *“Porquanto que ele me pareceu vir: da parte do além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão”*²⁰.

Nessas duas citações mencionadas, o filho não afirma ter visto o pai com seguridade. Em um primeiro momento ele afirma ter visto um **vulto**. Posteriormente, menciona que o pai **pareceu vir**. Por fim, acrescenta: **da parte do além**.

A partir dessas marcas lingüísticas utilizadas pelo narrador, podemos depreender que há um esforço por parte do filho em visualizar o pai, contudo, sua aparição não é confirmada. Tal fato também pode ser verificado no mito religioso, no qual o fiel busca incessantemente o contato com a divindade, obtendo em troca apenas indícios ou sinais de um possível contato. Da mesma forma, a narrativa apresenta a aproximação do genitor como possibilidade, mas nunca como fato.

Retomando o mito religioso judaico-cristão, temos posto que no princípio Deus tinha um contato mais próximo com os homens, podendo com estes falar e se manifestar. Com o passar do tempo, o homem teria perdido alguns laços com seu criador, não mais podendo vê-lo ou ouvi-lo. Semelhantemente, a narrativa apresenta uma relação familiar na qual o pai tem um contato relativamente próximo com seus filhos, passando, posteriormente, a afastar-se impedindo ou dificultando a comunicação oral e visual.

Se observarmos detidamente a narrativa, verificaremos que depois que o pai se dirige para rio o filho não consegue mais estabelecer contato direto com o seu

genitor. Após inúmeras tentativas de aproximação, o filho propõe substituir o pai na canoa, porém, ao imaginar a aproximação deste, foge com medo. Nesse espaço de tempo, o pai sai da canoa e o filho, ao regressar, não mais o encontra. Posteriormente, arrepende-se de ter faltado ao compromisso e pede-lhe perdão. Verificamos que ao final da narrativa o filho não vê o pai, não o encontra; ocorrendo a ausência de contato, de visões e aparições.

Angustiado e entristecido o filho afirma que ao morrer quer ir para junto do pai:

Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água, que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio afora, rio a dentro - o rio.²¹

Podemos interpretar essa atitude como uma busca humana do espaço sagrado. Assim como os religiosos almejam encontrar-se com o divino após a morte, o filho deseja ser depositado no mesmo espaço onde encontrava-se o pai. Uma vez mais, o rio é o *locus* onde o tempo, agora eterno, se configura.

Como podemos averiguar, “A terceira margem do rio” apresenta vários elementos narrativos que podem ser analisados como diferentes metáforas do pensamento religioso. Citamos, por exemplo, a exaltação do pai, símbolo da ordem; a evocação do pai mediante atitudes semelhantes aos rituais sagrados, tais como oferendas, rezas e uso do fogo; a impossibilidade de contato físico entre o genitor e as demais personagens, a ausência de imagens ou fotografias que possam revelar a identidade do pai; e por fim, o desejo de ser conduzido, após a morte, ao espaço do criador.

Acreditamos que esta é mais uma interpretação possível de “A terceira margem do rio”, um enigmático conto de Guimarães Rosa, que apresenta o rio como metáfora emblemática da finitude humana e da busca de transcendência.

Referências

- BORGES, Jorge Luis. “Arte poética” In: *El hacedor*. Buenos Aires: EMECÉ, 1960.
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- ECO, Umberto. “*Intentio lectoris*. Apontamentos sobre a Semiótica da Recepção”. *Os limites da Interpretação*. Tradução: Pérola de Carvalho; São Paulo: Perspectiva, 1995.
- GOULART, Audemaro Taranto. “A insatisfação com as margens do rio”. In: *Outras margens: estudos da obra de Guimarães Rosa*. Organizado por Lélia Parreira Duarte, Maria Theresa Abelha Alves. Belo Horizonte: Autentica. PUC Minas, 2001.
- MACHADO, Ana Maria. “Em nome do homem”. *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- MACHADO, Lino. “Silêncio, loucura, enigma: abordando “A terceira margem do rio””. In: *Literatura e marginalidades*. Francisco Aurélio Ribeiro, organizador. Vitória: PPGL/DLL/UFES, 2000.

MEYERHOFF, Hans. *O tempo na literatura*. São Paulo: McGraw-Hill do Barsil, 1976.
ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. José Olympio. Rio de Janeiro, 1981.
SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

Notas

- ¹ BORGES, Jorge Luis. "Arte poética" In: *El hacedor*. Buenos Aires: EMECÉ, 1960. p.101.
- ² GOULART, Audemaro Taranto. "A insatisfação com as margens do rio". In: *Outras margens: estudos da obra de Guimarães Rosa*. Organizado por Lélia Parricira Duarte, Maria Theresa Abelha Alves. Belo Horizonte: Autêntica PUC Minas, 2001, p.7-20. p. 7
- ³ *ibid.* p.7
- ⁴ ECO, Umberto. "Intentio lectoris. Apontamentos sobre a Semiótica da Recepção". *Os limites da Interpretação*. Tradução: Pérola de Carvalho: São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ⁵ *ibid.* p.13
- ⁶ CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 9ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. p.53- 80.
- ⁷ MACHADO, Lino. "Silêncio, loucura, enigma: abordando "A terceira margem do rio"". In: *Literatura e marginalidades*. Francisco Aurélio Ribeiro, organizador. Vitória: PPGI/DLL/UFES, 2000, p.79.
- ⁸ *ibid.* p.60
- ⁹ MACHADO, Ana Maria. "Em nome do homem". *Recado do nome: leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p.99.
- ¹⁰ *ibid.*
- ¹¹ ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. José Olympio. Rio de Janeiro, 1981. p. 27
- ¹² *Ibid.* p. 28.
- ¹³ *Ibid.* p.29
- ¹⁴ MEYERHOFF, Hans. *O tempo na literatura*. São Paulo: McGraw-Hill do Barsil, 1976. p.16
- ¹⁵ ROSA. p.27
- ¹⁶ *ibid.* p.28
- ¹⁷ DURKHEIM, Émile, apud SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- ¹⁸ *ibid.* p.29
- ¹⁹ *ibid.* p.31
- ²⁰ *ibid.* p.32
- ²¹ *ibid.* p.32